

O fio da meada

Cildo Meireles deixa
o tempo correr entre
a ideia e o gesto

Maria Hirszman



A velha caixa de madeira contendo um mapa do trecho norte do litoral carioca e um velho e esfiapado novelo de linha, obra de Cildo Meireles que ocupa lugar de destaque no 32º *Panorama das artes*, em cartaz até o dia 18 de dezembro no Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo, pode ser considerada como uma espécie de relíquia, como *souvenir* de um processo de investigação bem mais amplo. Lembrança física do trabalho que consistiu em percorrer a pé 30 quilômetros da trilha de terra que se tornaria a atual rodovia Rio-Santos desenhando um novelo ao longo do trajeto e depois recolhendo o que sobrou desse fio, esse objeto também sintetiza a relação tensa, sedutora e extremamente fértil entre o lampejo criativo e a ação cautelosamente planejada, a partir da qual Meireles pautava toda sua trajetória.

Arte física: cordões/30 km de linha estendidos, bem como outras ações idealizadas – nem sempre concretizadas – no mesmo período, nasce da vontade do artista de ampliar suas pesquisas sobre o espaço (já iniciadas nos anos de 1967 e 1968 com as séries dos *Cantos e espaços virtuais/Cantos*) para a grande escala geográfica, planetária, exigindo sempre empenho físico por parte do executor da obra. Caminhar longas distâncias em linha reta, ficar horas sem ingerir nenhum líquido ou escalar o cume mais alto do país para substituir seus últimos centímetros por um elemento de forte carga simbólica como um diamante – esta última seria a única das “artes físicas” ainda não realizadas que ele ainda pretende executar – estão entre as ideias concebidas por Cildo no final dos anos 1960 e que

serviram de combustível para uma produção que nasce fortemente vinculada ao caráter questionador da arte conceitual e que pouco a pouco vai ganhando contornos cada vez mais sedutores.

É apenas relativa a disparidade entre o registro seco da ação por meio da coleta e exposição de vestígios, como se vê na maleta de *Cordões*, e as grandes instalações imersivas, com que Cildo Meireles conquista o público sobretudo a partir da década de 80 e que o alçam à posição de um dos mais importantes artistas plásticos contemporâneos. Promovendo um paradoxal convívio entre conceitos muitas vezes emprestados de outras áreas do pensamento e o efeito plástico e sensorial impactante, ele concilia um elevado grau de abstração e reflexão teórica a uma estratégia de arrebatamento do público. Sua intenção era superar a noção de espectador passivo. “Com naturalidade fui me encaminhando para peças que trabalham em grande escala, que se destinavam a indivíduos com total liberdade espacial e de tempo para desfrutar o trabalho. Queria tirar a pessoa daquele lugar e daquele momento; arrebatá-lo, seduzir mesmo”, explica.

Cildo costuma dizer que “o melhor momento é quando o objeto de arte risca o céu da sua consciência, sem limite, sem definição”. Esse longo tempo de maturação agrada o artista: “Essa é uma velocidade legal de trabalhar, sem estar contra o relógio”, diz ele, mesmo vindo um certo paradoxo no fato de ter conseguido viabilizar tardiamente muitos de seus projetos. “O ideal seria que o artista tivesse condições de realizar quando jovem”, pondera. Ele lembra, por exemplo, que

Arte física: cordões/30 km de linha estendidos, 1969, 60 x 40 x 8 cm. Exposto no 32º *Panorama das artes*, no MAM



Desvio para o vermelho, uma de suas obras mais emblemáticas e que atualmente pode ser vista em exposição permanente no Instituto Inhotim (MG), começou a ser pensada junto com a série dos *Cantos*, ainda nos anos 1960, para adquirir sua forma original em meados dos 80. O mesmo ocorreu com trabalhos como *Abajour*, mostrado na última Bienal de São Paulo. A instalação, que promove uma sintética e potente crítica, ressaltando as relações causais entre escravidão e deleite plástico, fará parte da grande exposição que o artista está preparando para realizar em 2013 no Museu de Serralves, em Portugal, e que posteriormente segue para Madri. Ainda não há previsão de que a mostra venha para o Brasil.

A possibilidade de dar corpo a uma construção poética apenas décadas após sua concepção não é fruto apenas da inexistência de condições materiais. Esse embate entre conceito e forma é vital para garantir a tensão sentida em boa parte dos trabalhos do artista. Seu exemplo demonstra

o desapego da arte contemporânea em relação à ideia romântica de instante criativo, de genialidade iluminadora do autor. Memória, conceito ou encantamento fazem parte de uma estratégia de ruptura com modelos e estratégias fixas. Mesmo atuando para além das fronteiras da dita arte conceitual – e sendo comparado pelo crítico cubano Gerardo Mosquera a um pesquisador científico “que explora uma dimensão poética da matemática, da geometria, da física” (e pode-se acrescentar aí outras áreas como a economia, a história e a antropologia) –, Cildo Meireles atribui um papel central ao caráter libertário do movimento. “A arte conceitual talvez tenha sido a mais genuinamente democrática, ampliando ao infinito a quantidade de materiais e procedimentos”, afirma, ressaltando que depois dessa libertação radical em relação aos dogmas tornou-se possível começar do zero a todo momento. “Não devemos abdicar de jogar com essa pluralidade de territórios”, defende. ■

Glove Trotter, 1991
Malha de aço, bolas
de vários tamanhos,
cores e materiais,
25 x 520 x 420 cm